

Estado e forma política

ALYSSON LEANDRO MASCARO
São Paulo: Boitempo, 2013, 132 p.

Thiago Barison*

Com a obra *Estado e forma política*, Alysson Mascaro completa um ciclo de reflexão que começa com a crítica do direito. “Estado” e “direito” sempre figuraram como temas conexos no marxismo. Contudo, talvez por um direcionamento mais frequente do foco à política, não raro o direito burguês é pensado como uma especificidade histórica de algo anterior e mais geral – o Estado.

À luz de E. B. Pachukanis e Joachim Hirsch e em diálogo com os autores que se dedicaram ao estudo de ambos os objetos – muitos dos quais frequentam esta revista *Crítica Marxista* –, Alysson Mascaro oferece o caminho inverso: tratar o Estado a partir de sua correspondência com as formas jurídica e mercantil, de tal sorte que seu conceito passa a expressar uma realidade rigorosamente específica do capitalismo. É sob esse enfoque estrutural que o autor reconstrói em um todo coerente as séries de determinações da *forma política estatal*.

Assim, a institucionalidade estatal e sua lógica *interna* ganham dinâmica e sentido mais profundo na relação com sua *externalidade*: as formas sociais do modo de produção capitalista e o padrão de luta de classes que institui, emergindo clara a parcialidade do pensamento que se detém nas instituições – como de resto, em direito, é parcial a observação que se detém no conteúdo do ordenamento jurídico.

* Doutorando em Direito na USP. E-mail: thiago.barison@gmail.com

Os capítulos se sucedem segundo esse movimento lógico. Depois de passar pela discussão sobre a formação histórica do Estado, o autor pode, com desenvoltura, situá-lo no plano internacional: uma pluralidade de Estados constituídos como unidades livres, soberanas e formalmente em pé de igualdade, à imagem dos sujeitos de direito da circulação mercantil, mas que, como essa, oculta – menos disfarçadamente, é verdade – seu inverso: uma pluralidade de Estados hierarquizada sob o domínio imperialista. O final do livro chega às periodizações históricas: a maneira concreta como se põe a forma política nas sucessivas fases segundo a Escola da Regulação, aqui reinterpretada, com estabilidade dos padrões de acumulação e de regulação a ela consentâneos.

Esse percurso não é, todavia, livre de polêmicas. *Estado e forma política* percorre as principais questões que dividiram os pensadores marxistas nesses temas. Não obstante as escassas referências nominais ao longo do texto, que, no entanto e talvez por isso, flui agradavelmente, o autor vai resolvendo-as a seu modo com criatividade e, mais importante, com rigorosa coerência ante a tese de fundo da originalidade histórica da forma política Estado, enquanto forma terceira em relação aos proprietários e produtores diretos e às classes sociais em luta. Sintetizemos algumas poucas dessas questões que, por si mesmas, nos convidam à leitura.

O marxismo comporta uma abordagem, digamos, *geral* sobre o Estado, segundo a qual toda sociedade de classes necessita uma “instância” política que impeça que esse antagonismo irreconciliável a destrua. Desde o advento da divisão propriamente social do trabalho até o moderno Estado sob o capitalismo, tem-se um processo contínuo de desenvolvimento dessa função de reprodução política e ideológica da dominação de classe. Nesses termos gerais, seria permitido supor que cada modo de produção apenas dá um conteúdo concreto distinto a essa instância política geral, em conformidade com as particularidades de cada tipo de classe dominante: as relações de produção pré-capitalistas põem instituições e formas de consciência aberta e formalmente inigualitárias, ao passo que o modo de produção capitalista põe um conteúdo formalmente igualitário. Tanto em uma como na outra, impera a função de dominação política, que nunca se baseia somente na força: ainda que em diferentes graus – quantitativamente, portanto –, haveria sempre certa *representação* política do todo social e certa margem de mediação, ainda que apenas entre os dominantes. O Estado burguês representaria o ápice desse processo contínuo.

Alysson Mascaro, diferentemente, procura compreender o que precisamente distingue a *forma política estatal*:

Ao contrário de outras formas de domínio político, o Estado é um fenômeno especificamente capitalista. Sobre as razões dessa especificidade, que separa política da economia, não se pode buscar suas respostas, a princípio, na política, mas sim no capitalismo [...].

Devido à circulação mercantil e à posterior estruturação de toda a sociedade sobre parâmetros de troca, exsurge o Estado como terceiro em relação à dinâmica entre capital e trabalho. [...]. Daí a dificuldade de se aperceber, à primeira vista, a conexão entre capitalismo e Estado, na medida em que, sendo um aparato terceiro em relação à exploração, o Estado não é nenhum burguês em específico nem está em sua função imediata. A sua separação em face de todas as classes e indivíduos constitui a chave da possibilidade da própria reprodução do capital: o aparato estatal é a garantia da mercadoria, da propriedade privada e dos vínculos jurídicos de exploração que jungem o capital e o trabalho. (p.18)

Portanto, segundo o autor, a constituição de uma instância universal de mediação política é uma realidade histórica originalmente capitalista, à luz da qual os aparatos políticos dos modos de produção anteriores, ainda que públicos e maiores que as partes, delas não se separam e não se autonomizam. Constituem, assim, quando muito, protomanifestações estatais, inespecíficas a tais relações de produção que subsistem, pois, sob outras formas, mas sempre dependentes de relações de mando direto.

A forma política estatal corresponde à separação do produtor direto perante os meios de produção e da conexão daquele ao processo de trabalho coletivo e de exploração por meio da forma jurídica. Constituídos como sujeitos de direitos, tal como os proprietários do capital, podem as classes exploradas – e historicamente vieram a fazê-lo tão logo reuniram as primeiras condições – colocar-se em referência e articulação em face do Estado que, portanto, representa e se sobrepõe a todos. Nesse sentido, se o “Estado revela autonomia perante as classes, não quer revelar, com isso, indiferença em relação ao todo social” (p.45). E como bom filósofo, Alysson Mascaro insiste na precisão dos conceitos: o predicado “burguês” do Estado “tem causas muito mais profundas do que simplesmente a eventual captura de seu aparato pela burguesia: a existência da forma política estatal é índice necessário da reprodução capitalista” (p.61).

Todavia, embora o autor retome as formulações desenvolvidas por Nicos Poulantzas, como a da autonomia relativa do Estado capitalista, a obra *Estado e forma política* aí não se detém. Primeiro, reescreve de modo claro e produtivo a problemática que aborda a totalidade social em regiões, estruturas, instituições e práticas de classes. E, mais importante, enquanto Poulantzas rejeita Pachukanis e, mais tarde, as teorias derivacionistas, bem como dispensa um tratamento conjunto ao Estado e ao direito sob o conceito de “instância jurídico-política”, Mascaro propõe como *desenvolvimento da abordagem estrutural* fornecida pela Crítica do Direito – Pachukanis e Joachim Hirsch à frente – exatamente a distinção da forma jurídica perante a forma política estatal, muito embora correspondentes. A forma jurídica precede a forma política que historicamente apenas a *conforma*, numa “derivação de segundo grau” de sorte a manter-lhe a especificidade:

“a conformação opera na quantidade da política e do direito, nunca na qualidade de estatal ou jurídico” (p.41).

Por esse apanhado, vê-se a profundidade da obra *Estado e forma política*, do filósofo do direito Alysson Mascaro, que certamente dá à reflexão teórica política no interior do campo do materialismo histórico um novo impulso, cuja força advém do esforço criativo de pensamento a partir da Crítica do Direito.

BARISON, Thiago. Resenha de: MASCARO, Alysson Leandro. Estado e forma política. São Paulo: Boitempo, 2013, 132 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.38, 2014, p.173-176.

Palavras-chave: Estado; Política; Direito.